

# CAPOEIRA: HERANÇA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA <sup>1</sup>

Iraci Oliveira dos Santos, Livia Maria Baêta da Silva e Valéria Cruz de Jesus Trindade<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

“Fome de quê?”. Fome de reconhecimento museológico da cultura afro-brasileira, fome de colocar a capoeira no novo projeto expositivo de longa duração do Museu Afro-Brasileiro, da Universidade Federal da Bahia. O trabalho que ora apresentamos se constitui numa síntese da pesquisa desenvolvida até o momento, parte do projeto conceitual básico para a implantação de um novo setor que tratará da herança cultural afro-brasileira. Trabalhamos com pesquisa bibliográfica para a constituição de um banco de dados documental, que servirá como suporte teórico, não só para o futuro projeto expositivo, mas também material disponível para o público interessado no assunto.

Busca-se, nesta pesquisa, através da construção do acervo documental, criar também um banco de dados com os depoimentos de Mestres de Capoeira.

## 2. METODOLOGIA

A nossa pesquisa é de caráter bibliográfico, constando do levantamento de dados para a elaboração de uma revisão da literatura relacionada à capoeira. Cada ficha catalogada é acrescida dos comentários sobre a obra. O trabalho está sendo realizado através de pesquisas em bibliotecas da cidade. Individualmente, cada estagiário faz a sua pesquisa e, em reuniões regulares, iniciamos a elaboração da síntese dos dados recolhidos, destacando os pontos principais. Como estudantes de Museologia, aprendemos que pesquisar é ir em busca de conteúdos que nos permitam descobrir novos valores.

Nesta pesquisa temos percebido que não valeria muito se apenas fôssemos responsáveis por guardar objetos, pois de que adiantariam os anos de labor intelectual, e muitas vezes físico, se não soubermos usar os “óculos da Museologia” (como diz a Professora Joseânia)? Enxergar a capoeira – neste caso específico – como patrimônio cultural, como um bem cultural que guarda informações, significados, mensagens e registros da história brasileira – que nos falam das crenças, costumes, estética, condições sociais, culturais, econômicas e políticas dos africanos e afro-brasileiros dos tempos coloniais à contemporaneidade.

## 3. CAPOEIRA ANGOLA

O desenvolvimento da capoeira no Brasil foi lento. Não se sabe ao certo a respeito da origem da capoeira, existem várias versões a esse respeito: “[...] A Capoeira Angola veio da dança do N’Golo”, diz-se, mas em outras versões: “[...] A Capoeira originou-se da dança dos caboclos” (Mestre Pastinha); ainda: “[...] A Capoeira surgiu no Recôncavo Baiano com os negros africanos” ou “[...] Foi aperfeiçoada no Brasil”. Mestre Bola Sete em seu livro *A Capoeira Angola na Bahia*, diz que a capoeira é oriunda da África, pois quem a praticava eram escravos africanos. Já Renato Vieira, no livro *O jogo de capoeira cultura popular no Brasil*, diz que “[...]. Esse conjunto de

---

<sup>1</sup> O trabalho faz parte do projeto de pesquisa para o novo setor do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. O projeto visa oferecer respostas à ausência das referências aos movimentos e organizações voltadas, ao longo da história, para a questão de resistência e afirmação da cultura e identidade afro-brasileiras. Coordenadora e orientadora, Professora Dra. Joseânia Miranda Freitas.

<sup>2</sup> Acadêmicas do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

rituais e técnicas de combate corporal foi criado no Brasil pelos escravos trazidos da África, como uma estratégia de resistência”.

Estudos feitos hoje mostram que a capoeira pode ter sido aperfeiçoada no Brasil a partir da mistura de culturas, entre os indígenas e os africanos. Não temos uma definição concreta de como surgiu a capoeira no Brasil e em que data, pois não há nenhum registro sobre o tema antes do século XIX, só o que se sabe é por histórias orais contadas pelos escravos. Com a chegada dos africanos como escravos no Brasil, a partir do final do século XVI, veio com eles todo um conjunto de elementos de identidade cultural: a música, a dança, a culinária, o modo de vestir, de andar, falar...

Durante o período da escravidão no Brasil, para que o africano escravizado e seus descendentes pudessem praticar a capoeira tinham que se esconder ou disfarçá-la em forma de dança, para não chamar a atenção do feitor ou do senhor; era uma forma de preservar uma tradição, como uma forma de resistência. Com o passar do tempo, a dança capoeira passou a ser apreciada pelos senhores, ordenando assim que ensinassem aos seus filhos a prática da capoeira. A capoeira muito ajudou os escravos na fuga para os quilombos, na manutenção de sua cultura. No tempo da escravidão, no Brasil, tinha-se uma frase muito utilizada pelos capitães do mato e pela milícia: “[...]. O negro me pegou numa capoeira” (Mestre Bola Sete); nesta frase, “capoeira” quer dizer “mato ralo, rasteiro”, daí o nome dado ao jogo ou luta. Já o nome “Capoeira Angola” foi dado ao jogo, porque muitos africanos saíram do porto de Angola, na África, como escravos; antigamente, diziam que a designação “Capoeira Angola” era porque os negros vinham de Angola – porém, vários estudos mostram que os negros de diversas partes da África saíram do porto de Angola – por isso a denominação.

Desde a escravidão até hoje em dia, muitos Mestres de Capoeira passaram e deixaram sua contribuição para a cultura brasileira, como: Besouro Preto, Benedito, Pedro Porreta, Samuel Preto, Zebedeu, Vadú, Pastinha, Bimba, Valdemar da Liberdade, Caiçara, Gato, Ferreirinha, Canjiquinha, dentre muitos outros. Na Capoeira Angola, a maior contribuição que temos é do Mestre Pastinha, o difusor da Capoeira Angola no Brasil e, como dizia ele, no mundo.

Pastinha foi um dos primeiros Mestres a organizar uma associação de Capoeira, a colocá-la dentro de uma academia, padronizando-a, uniformizando seus alunos, introduzindo uma bateria musical e arrumando-a na roda de capoeira. Havia outras escolas, porém Pastinha foi quem padronizou a Capoeira Angola. A sua bateria era composta por três berimbaus (bereba, fio de aço, cabaça, baqueta ou vaqueta, dobrão ou moeda e o cace); dois pandeiros (redondos de couro); um agogô (ferro); um reco-reco (bambu); atabaque, e introduziu, uma certa vez, as castanholas e o violão, além das palmas de madeira. Além dessas criações, era tido como um dos maiores capoeiristas da sua época.

Na atualidade, ainda continua essa arrumação na bateria, do jeito que o Mestre Pastinha criou. Existem Mestres que ainda mantêm suas academias como era a de Pastinha: a uniformização dos alunos, a disposição da bateria, os cânticos, ladainhas, corridos, continuando a manter a tradição. O jogo continua quase o mesmo, sofreu pouquíssimas modificações. Nas academias da maioria dos Mestres atuais da Capoeira Angola, preserva-se a tradição, segue-se o pensamento do Mestre Pastinha. Alguns velhos Mestres foram discípulos de Pastinha como Mestre Curió, João Pequeno, João Grande, Moraes, entre outros. Muitos novos Mestres entendem esse pensamento de preservação da Capoeira Angola como resistência da cultura afro-brasileira e pretendem mantê-la, levá-la adiante, como é o caso de: Mestre Rennê, Jaime de Mar Grande, Jorge Satélite, Lua de Arembepe, Baixinho, Augusto, além de outros que não foram alunos do “Grande Mestre”, mas seguem o seu pensamento e são chamados de “nova geração”.

#### **4. CAPOEIRA REGIONAL**

A capoeira regional é uma modalidade que surge na década de 1930 pelas mãos e – por que não dizer – dos pés do Mestre Bimba. Em Salvador, na Bahia, nasce a 23 de novembro de 1899, no bairro de Engenho Velho, freguesia de Brotas, Manuel dos Reis Machado. Desde cedo, através de

seu pai, exímio jogador de “bатуque”, vivencia as tradições afro-brasileiras. Segundo Edson Carneiro (1982: p. 111 e 112), o jogo do batuque era realizado ao som de berimbau e outros instrumentos. O objetivo era derrubar o adversário com uso de golpes de pernas, com rasteiras e joelhadas. Formava-se um círculo, onde um dos participantes entrava na “roda” e desafiava outro jogador, enquanto o grupo acompanhava o ritmo dos instrumentos com as palmas. Segundo o mesmo autor, o batuque teria sido incorporado à capoeira, inexistindo hoje como tradição.

Assim, com essa forte herança, na Estrada das Boiadas, hoje bairro da Liberdade, em Salvador, foi iniciado o jogo da Capoeira Angola, cujo mestre era um negro africano chamado Bentinho, capitão da Companhia de Navegação Baiana. Não possuía uma boa formação escolar, dominava muito rudimentarmente a leitura, mas isso não mantinha aprisionado seu espírito efervescente. Aos 18 anos, mesmo ainda enfrentando fortes problemas de repressão policial, abriu a primeira academia de capoeira num caramanchão, local onde ensinava pessoas de classes populares, mas também das classes mais abastadas, segundo Nestor Capoeira, citado por Jair Moura (1979). Entretanto, ele não se sentia satisfeito com o rumo que a Capoeira tomava, muito ineficaz e muito folclorizada, ficava presa, disfarçada em seus verdadeiros movimentos.

Bimba, então, em 1928 criou o que ele denominou “Capoeira Regional Baiana”. Desenvolveu um estilo que considerou mais eficiente, inspirado no antigo batuque, acrescentando sua própria criatividade. Saía da malandragem, do teatro mágico que representa a vida cotidiana para se tornar acadêmica, desportiva. Não foi fácil no início por ser a Capoeira ainda ilegal segundo os códigos penais. Tinha-se que correr da polícia, muitas vezes uma encenação já havia sido previamente combinada com o delegado – que “gentilmente” lhe concedia algumas horinhas para ensinar. Por passar a ter contatos com as camadas mais abastadas, alunos como magistrados, representantes de governo, em suma pessoas “letradas”, Bimba pôde aprimorar seu plano de curso com deles, quando foi redigido em letra de forma e melhor estruturado na forma de apresentação.

Em 1934, Getúlio Vargas extinguiu o decreto-lei que proibia a Capoeira e a prática de outros cultos afro-brasileiros. Mas, em contrapartida, exigiu que tanto os cultos quanto a capoeira fossem realizados fora da rua, em recintos fechados, com alvará de instalação, criando, assim, uma forma de controlar essas manifestações. De 1939 a 1942, o Mestre Bimba também ensinou capoeira no Forte do Barbalho – local de funcionamento do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército (CPOR). Das décadas de 40 a 70, circulou pelo País fazendo apresentações, a mais importante em 1953, para o Presidente da República Getúlio Vargas, de quem ouviu, orgulhosamente, o reconhecimento da Capoeira “[...] como único esporte genuinamente nacional”. Neste momento, o governo buscava a construção de símbolos nacionais a partir de elementos da cultura popular.

A capoeira Regional de Mestre Bimba foi duramente criticada pelos seus companheiros angoleiros, não só pela diferenciação dos golpes, que acreditavam descaracterizar o jogo, mas acima de tudo pela atração que exercia nas camadas superiores da sociedade. Passou a existir uma espécie de rivalidade, muitos acreditavam que ele havia se moldado, uma espécie de rendição à sociedade dominante. Mas graças à sua coragem e ousadia, hoje a Capoeira é conhecida e reconhecida mundialmente como esporte genuinamente nacional, retirado da marginalidade, com ênfase às noções de moral, respeito, integridade e, acima de tudo, um esporte que acolhe o indivíduo com uma solidariedade familiar.

## **5. CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA**

Além da Capoeira Angola e da Capoeira Regional Baiana temos, na contemporaneidade, a Capoeira Estilizada, derivada desta última. Mesmo tendo o berimbau como o seu principal instrumento, existe diferença entre as modalidades. A Angola é jogada, ou melhor, dançada, mais lentamente e com malandragem e ginga. A Capoeira Regional é um jogo alto e ligeiro, e a Estilizada é um mistura de golpes de algumas lutas com a Capoeira Regional.

Como luta, a capoeira apresenta a sua origem e sobrevivência através dos tempos, como instrumento de defesa pessoal. Na sua forma natural, é ministrada com ênfase no combate e na defesa. Como dança e arte, é representada através dos movimentos, da música, do ritmo, do canto e da expressão corporal. Na Capoeira Estilizada são aproveitados os movimentos que auxiliam o desenvolvimento da flexibilidade, agilidade, equilíbrio e coordenação motora. A Capoeira é também esporte, “[...] modalidade desportiva, institucionalizada em 1972, pelo Conselho Nacional de Desportos, ela mesma deverá ter um enfoque especial para a competição, estabelecendo-se treinamentos físicos, técnicos e táticos” (Ribeiro, 1992). Sem dúvida é um jogo que exercita a imaginação, pois é necessário raciocínio rápido para se defender. É compreendida como um processo educacional, pois exige do professor potencial psicológico e o conhecimento do aluno, exige paciência e compreensão. Como lazer, como prática formal, por meio das “rodas” espontâneas, é realizada nas praças, nos colégios, nas universidades e em festas de largo. A capoeira é vista também como filosofia de vida, muitos são os adeptos que se engajam de corpo e alma, considerando-a como elemento símbolo, e, até mesmo, usando-a para sua sobrevivência. A capoeira é também um tema muito explorado pelas artes plásticas, literárias e cênicas.

Reconhecendo os processos sofridos por muitas das expressões africanas no Brasil, a partir desta cultura foram construídas novas expressões culturais, que apresentam na sua constituição elementos africanos. Neste contexto, a capoeira absorveu movimentos de várias matrizes culturais para se estruturar como prática de defesa pessoal brasileira, apresentando no seu percurso evidências concretas como arte de luta marcial, como dança, desporto, jogo e como arte do espetáculo.

A transformação da capoeira como prática de defesa pessoal para prática desportiva apresenta-se através de aspectos de naturezas política e social, quando expressa momentos de afirmação, consolidação e oficialização. Seus elementos musicais orais, instrumentais e rituais fazem parte da cultura brasileira, importantes de serem preservados, pois fazem parte da memória nacional.

A capoeira não pode ser encarada, apenas, como um elemento da cultura popular, das camadas desprivilegiadas, que poderia ter-se perdido como tantas outras manifestações culturais. Inserida em um novo contexto social, conquista definitivamente seu lugar de significante social, e hoje é um patrimônio cultural.

Com este estudo pudemos perceber não só as transformações que a Capoeira sofreu, mas, principalmente, percebemos as transformações da sociedade como um todo, sua dinâmica cultural, o remodelar de conceitos e a manutenção da cultura. Compreendemos que preservar significa manter vivo, e isto os Mestres de Capoeira, nos seus variados estilos, parecem que entenderam muito bem.

## 6. REFERÊNCIAS

ABREU, Frederico José de. **Bimba é Bamba**. Capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

ALMEIDA, Raimundo César Alves de. **A Saga do Mestre Bimba**. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994.

ALMEIDA, Raimundo César Alves de. **Bibliografia crítica da capoeira**. Brasília: Centro de informação sobre capoeira DEFER, 1993.

ARAÚJO, Paulo Coelho de. **Capoeira. Abordagens Sócio-Antropológicas da Luta /Jogo da capoeira**. Coimbra, Portugal: Maia. Instituto Superior, 1997. (Série Estudos. Monografia).

BARBIERI, César A.; SILVEIRA, Bruno Ribeiro da. **A capoeira nos JEBS**. Brasília: Programa Nacional de Capoeira, Centro de Informação e Documentação sobre Capoeira, 1994.

- BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Edição para o ensino fundamental. São Paulo: FTD, 2000.
- CAMPOS, Hélio (Mestre Xeréu). **Capoeira na escola**. Salvador: Secretaria da Cultura, 1990.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**. Galo já cantou. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Capoeira**. Pequeno manual do jogador. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Os Fundamentos da malícia**. 5. ed. São Paulo: Record, 1999.
- COUTINHO, Daniel. **O ABC da capoeira**. Os manuscritos do Mestre Noronha. Brasília: Centro de Informação e Documentação Sobre Capoeira/DEFER, 1993.
- CRUZ, José Luiz Oliveira. **Mestre Bola Sete**. Histórias e estórias da capoeiragem. Salvador: EBDA, 1996.
- DECANIO FILHO, A. A. (Org.). **A herança de Pastinha** (1926). 2.ed. Salvador/BA: Edição CEPAC, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Manuscritos e Desenhos de Mestre Pastinha**. 2.ed. Salvador/BA: Edição CEPAC, 1998.
- FREITAS, Joseânia Miranda. Projeto conceitual básico para implantação do novo setor do museu afro-brasileiro: setor da herança cultural afro-brasileira. CEAQ/UFBA/Museu Afro-Brasileiro. Salvador, 2003. (Texto digitado).
- LOPES, Laci; LUIZ, André. **Capoeira (luta)**. Brasília: Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira/DEPER, 1995.
- MESTRE BOLA SETE. **A capoeira angola na Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.
- MOURA, Jair. **Capoeiragem**. Arte e malandragem. Salvador: SMEC. 1980. (Cadernos de Cultura, 2).
- \_\_\_\_\_. **Capoeira: a luta regional da Bahia**. Salvador: SMEC, 1979. (Cadernos de Cultura, 1).
- PIRES, A. L. Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá**: três personagens da capoeira baiana. Tocantins (GO): NEAB/Grafset, 2002.
- PRADO, Paulo Cesar Almeida do. **O trivial da capoeira**. Aracaju: Araújo Gama, 1998.
- RIBEIRO, Antônio Lopes. **Capoeira terapia**. 3. ed. Brasília: Secretaria de Desportos. 1992.
- SENA, Carlos. Arte. Projeto de regulamentação. Salvador: SMEC, 1980. (Cadernos de Cultura, 3).
- SENNÁ, Carlos. **Capoeira percurso**. Salvador, BA: Ed. Senavox e A rasteira, 1990.
- VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo da capoeira**. Cultura popular no Brasil. 2. ed., Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- ZULU, Mestre. **Idiopraxis de capoeira**. Brasília: Ideário, 1995.